

EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO: RÁDIO I, RÁDIO II¹

MAURO JOSÉ SÁ REGO COSTA é Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense / UERJ; Procientista; Coordenador da Oficina Híbridos – Mídia e Arte Contemporânea do LABORE ; Coordenador do Laboratório de Rádio UERJ/Baixada. Professor do Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação / FEBF/UERJ - maurosarego@gmail.com

Resumo: Cartografia do processo de construção do ensino de rádio numa Faculdade de Educação: desde o surgimento do interesse do autor pelo rádio; as articulações com a comunidade para a criação de uma rádio comunitária local e contatos com outras rádios comunitárias; as formas autônomas de incorporação do saber-fazer-rádio; a criação das disciplinas de rádio no currículo; as formas de convergência de mídia que levam à configuração atual do projeto – web rádio TV -. Métodos de (des)organização e trabalho imaterial.

Palavras-chave: Educação da Escuta; Ensino de Rádio em Faculdade de Educação; Rádio Comunitária; Métodos de (des)organização; Convergência de mídia; Trabalho Imaterial.

EDUCATION AND COMMUNICATION: RADIO I, RADIO II

Abstract: A cartography of the construction of the teaching of Radio in a School of Education: from the birth of the author's interest on Radio; the contacts with the community to create a local community radio and contacts with other community radios; the autonomous forms of know-how-to-make radio; the creation of radio disciplines in the curriculum; the forms of media convergence that took to the present configuration of the project – web, radio and tv -. Methods of (dis)organizing and immaterial work.

Key-words: The education of hearing; Teaching Radio in a School of Education; Community Radio; (Dis)organizing methods; Media convergence; Immaterial Work.

Gostaria de cartografar o processo de construção do ensino de rádio como aconteceu na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da UERJ, de uma maneira que acredito, possa ser reproduzida (com seus próprios modos singulares) em outras unidades de graduação não especificamente de Comunicação. Nas Faculdades de Comunicação, rádio, rádio-jornalismo, produção radiofônica, são disciplinas que já fazem parte, naturalmente, dos currículos. Mas, ninguém, em sua consciência, resolve ensinar rádio em uma Faculdade de Educação... o que para mim, ajuda a tornar evidente a pouca utilidade tanto da “sua consciência”, quanto da “Educação”, nas suas concepções correntes.

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, X Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, 2011.



No nosso caso, a idéia de trabalhar com rádio não surgiu, é claro, imediatamente, como um projeto pedagógico e curricular. Foi em 2000, depois de participar da segunda versão de um evento dedicado à “educação da escuta” - *ESCUITA! - Um abraço Sonoro na Cidade* – uma idéia agenciada pela compositora e educadora musical Cecília Conde, num convenio com os Seminários de Musica Pro-Arte e Centro de Educação Ambiental da Secretaria Municipal de Meio Ambiente..

Cecília², tradicional inventora de outros modos de lidar com o som e a música, inspirou-se, para este acontecimento no trabalho do compositor canadense Murray Schafer. Schafer iniciara, ainda nos anos 70, o estudo do que viria a ser uma nova área da Ecologia – *a ecologia acústica* – documentando o ambiente sonoro da cidade de Vancouver, junto com seus alunos do Departamento de Comunicação da Simon Fraser University, onde coordenava os cursos que tratavam de comunicação acústica – “um pouco sobre rádio, um pouco sobre acústica, psicoacústica, fonética, tudo que tivesse a ver com som”³. O objetivo primeiro era recolher dados para estimular uma maior consciência sobre o estado doentio em que se transformava o ambiente sonoro nas grandes cidades.

Junto da “ecologia acústica”, Schafer inventou o conceito de “paisagem sonora”, que se tornaria, além de instrumento de pesquisa da ecologia acústica, um novo gênero na música do século XX⁴. Com a inspiração de Schafer, o nosso projeto integrava tanto a leitura da ecologia acústica, e a idéia da educação sonora (canalizada pelo Centro de Educação Ambiental da Secretaria do Meio Ambiente para a edição de uma cartilha a

² Cecília Conde participou desde jovem de projetos inovadores na área de Música; inicialmente com Liddy Mignone, reinventora do ensino de música para crianças, no Conservatório Brasileiro de Música. Cecília criou o primeiro curso de Musicoterapia, no CBM, no início dos anos 70; e foi junto com Darcy Ribeiro, em sua *Secretaria Extraordinária de Programas Especiais*, a inventora do campo da “animação cultural” nos CIEP’s.

³ In COSTA, Mauro S R. “Entrevistas com Compositores”. “Paisagens Sonoras. Murray Schafer fala do projeto e do rádio como arte, educação e política”. *Pesquisa e Música*, vol.4, n.1, 1998, Conservatório Brasileiro de Música, Rio de Janeiro.

⁴ Com o apoio da UNESCO e da Donner Canadian Foundation, Schafer fundou o *World Soundscape Project*, para realizar um levantamento mundial das relações entre as pessoas com seu ambiente acústico. As pesquisas tinham uma dupla face: uma negativa, de denúncia da crescente poluição sonora que envolve cotidianamente as populações urbanas, e das dificuldades que a maioria tem em reconhecer isto como um problema; a segunda, estética, que levou a “paisagem sonora” a se tornar um campo novo da escuta.



ser usada com professores⁵) e da estética das paisagens sonoras, com a presença dos compositores da área de eletroacústica – Rodolfo Caesar, Tato Taborda e Tim Rescala – e radiomakers / pesquisadores de rádio - Janete El Haouli, Regina Porto.

Fiz parte deste projeto, pelo Conservatório Brasileiro de Música, onde então coordenava o Mestrado em Música. E com Janete El Haouli e Regina Porto tive o primeiro contato com a área de pesquisa em rádio - rádioarte, rádio experimental, rádiodrama... todo um espaço da linguagem radiofônica que eu desconhecia e foi uma apaixonante descoberta⁶.

Paralelamente, a Faculdade de Educação da Baixada Fluminense acabara de mudar sua sede do centro de Duque de Caxias para o prédio de um CIEP em Vila São Luís, bairro afastado do centro da cidade, com uma população bastante homogênea socioeconomicamente. Minha recente paixão pelo rádio trouxe a idéia de tentar montar uma rádio comunitária nesta localidade, criando ao mesmo tempo uma relação de troca mais intensa entre a UERJ – universidade pública – e a população do entorno: um projeto de extensão.

Assim iniciei, em 2001, como projeto de extensão, o Laboratório de Rádio Experimental, Educativo, Comunitário em Bairro do Município de Duque de Caxias. O contato com a Associação de Moradores de Vila São Luís foi bastante direto e cooperativo, em função de características de sua liderança: Dona Paula Moutinho, militante do PCdoB na época, mas que não misturava suas funções de liderança comunitária com a pertença partidária. Dona Paula ligou-se à idéia da criação da rádio para o bairro e o interesse em associá-la a UERJ, então recém-implantada na região.

⁵ *ESCUITA! A Paisagem Sonora da Cidade*. Texto R Murray Schafer, Janete El Haouli, Marisa Fonterrada, Tato Taborda, Chico Mello, Rodolfo Caesar, Cecilia Conde, Estela Neves, Elizabeth Sant'Anna e Natália L.F. Couto; Editoração, Texto e Pesquisa Musical : Regina Porto; Coordenação Geral: Carole Gubernikoff; Reedição e Versão Final do Texto: Mauro Sá Rego Costa. Prefeitura do Rio / Secretaria de Meio Ambiente, 2000.

⁶ Apesar de não ter nenhuma experiência com Rádio, trabalhei anteriormente em todas as áreas da Comunicação, começando com o jornalismo impresso (Poder Jovem, Jornal do Brasil, Pasquim, Opinião, O Beijo...), a televisão (programa de cinema no Poder Jovem, que funcionou na falida TV Continental do Rio, com a coordenação de Reynaldo Jardim e Martha Alencar; e mais tarde roteiro e direção de documentários) e fiz o Mestrado em Comunicação na ECO/UFRJ.



Com Dona Paula, fizemos contato com entidades diversas do bairro, um grupo religioso *sui generis*, o Ministério dos Cavaleiros de Cristo; a Igreja Evangélica Boas Novas; um grupo espírita; a colônia de pescadores do Porto da Chacrinha; além da União da Juventude Socialista – grupo de jovens do PCdoB -, o Movimento Revolucionário Hip Hop de Vila S. Luís; o Pré-Vestibular Comunitário de Vila S. Luís. A eles associamos o Centro Acadêmico Henfil, da FEBF/UERJ e o Laboratório de Rádio. Este conjunto criará, em seguida, a Associação Comunitária de Educação, Comunicação e Cidadania de Vila São Luís, a ONG com responsabilidade administrativa sobre a Rádio Kaxinawá.

Convidamos pessoas de todos estes grupos para encontros semanais, aos sábados, na Associação de Moradores. Começamos imediatamente a gravar esses encontros, como memória do movimento. O passo seguinte foi iniciar uma “oficina de voz” – espécie de “curso de locução radiofônica” – mas com a especificidade de ser ministrado por um ator e diretor teatral, Gilson Moura, que, na época dava oficinas de teatro na FEBF. A idéia era evitar a homogeneização da voz que caracteriza a locução radiofônica corrente, mas permitir o desenvolvimento espontâneo da expressão oral, com a voz que cada um tem. Gilson Moura, com experiência de teatro de rua e teatro em comunidades⁷, me pareceu o agente ideal para esse processo.

As oficinas, depois de exercícios de voz, próprios da preparação de atores, passaram a ter uma segunda parte: a gravação de debates sobre temas de interesse do grupo – fizemos debates sobre a questão das Drogas, sobre o Funk, sobre problemas da Educação Escolar para estudantes do Ensino Médio e pais com crianças na escola -. O debate sobre a questão das Drogas, editado, foi o primeiro programa de rádio que colocamos no ar, na Rádio Onda Livre (FM 95,3) comunitária, em São João de Meriti – nossa parceira no início das atividades do Laboratório.

⁷ Gilson Moura fizera oficinas de teatro na Cruzada São Sebastião – projeto de habitação popular no início do Leblon -, e na favela da Rocinha; e dirigira vários espetáculos de teatro de rua com apoio da RioArte.



Ao mesmo tempo em que começava as oficinas com a Associação de Moradores, criei um projeto de pesquisa em Rádio junto à Sub-Reitoria de Pesquisa da UERJ e pedi um auxílio de pesquisa à FAPERJ para a compra de equipamento de rádio. Formalizamos o grupo de pesquisa de rádio na FEBF, com os estudantes que participavam dos encontros na Associação de Moradores e outros interessados. Deste grupo saíram os primeiros bolsistas de Extensão e de Iniciação Científica dos projetos de Rádio: uma maneira de dar sustentação mais formal à atividade.

Também contamos com o apoio de Wallace Hermann, ativista do movimento pelas rádios comunitárias que trabalhava um projeto junto à Radio Bicuda⁸, uma comunitária do bairro de Vila Kosmos, associada à ONG Bicuda Ecológica – organização local que desenvolvia um programa ambiental de recuperação (reflorestamento) da Serra da Misericórdia. Wallace conseguiu uma verba para desenvolver programas radiofônicos comunitários na campanha do Ministério da Saúde e UNESCO, do Programa Nacional de Combate as DST/Aids. Assim, adquirira equipamento para produção de rádio, que passou a compartilhar conosco.

Foi neste equipamento que editamos o programa sobre Drogas, e para ganhar mais experiência na produção, criação e edição em rádio, passei a fazer um programa junto com Wallace para a Rádio VivaRio – o *Nonsense Jazz Clube* ou *Nonsense Radio Clube* – às quintas, às 10 da noite. A Rádio VivaRio, da ONG VivaRio era uma webradio e parte de um processo de articulação das rádios comunitárias do Grande Rio, um projeto desenvolvido por Tião Santos, outro ícone do movimento de democratização do rádio no Rio de Janeiro.⁹

Assim que adquirimos o equipamento com financiamento da FAPERJ, começamos a brincar de fazer rádio, inventar programas, discutir formatos, experimentar com as linguagens que me haviam conquistado lá atrás – gravar paisagens

⁸ V. <http://www.bicuda.org.br/index.php> (acessado em 5/7/2011)

⁹ Tião Santos foi o fundador da Rádio Novos Rumos, em Queimados, Baixada Fluminense, primeira e referencia das rádios livres - futuramente comunitárias -, em 1990. Funcionava no quintal de sua casa, com a participação de um grupo de amigos rádio-ativos. A rádio existe até hoje – agora com concessão do MinCom, naturalmente.



sonoras dentro da faculdade, andando pelas ruas do bairro, cada um no seu bairro - os alunos da FEBF vem de vários municípios da Baixada, além de bairros do Rio de Janeiro - ; ouvir o hip-hop dos grupos da Baixada, que o Marcelo Anarquia trazia; e visitar e fazer contato com outras comunitárias...

Quando conseguimos começar a transmitir, fomos procurar o Seu Jorge, construtor eletroartesão de transmissores de rádio, o mesmo que construiu o transmissor da Bicuda. A direção da FEBF financiou a compra e instalação do transmissor e da antena. Dona Paula conseguiu uma ajuda financeira da FASE¹⁰, para a contratação de dois operadores de áudio. Foi trabalhando ao lado e junto destes “técnicos” - durante seis meses – que nossos programadores aprenderam a operação de áudio e esse aprendizado se multiplicou “em serviço”.

O primeiro curso de edição com o Sonic Soundforge, fizemos, em grupo, com o Diego Amaral, o Barba, da Rádio Bicuda, lá em Vila Kosmos; também uma ação de interação espontânea e solidária. O Barba acabou vindo estudar Geografia na FEBF, cinco anos depois.

E fizemos a primeira reunião de programação, com os participantes comunitários de Vila São Luis, junto com alunos, professores e funcionários da FEBF. Marcelo Anarquia – DJ e grafiteiro – com o seu *Hip Hop na Veia* (começou e continua até hoje no ar), o Francisco com sua *Música Nordestina*, a Dona Paula com o programa da Associação de Moradores; o Adonis, jovem universitário de origem marroquina que fundou o Pre-vestibular Comunitário¹¹; os Projetos de Pesquisa da FEBF, como o *Idéia de Cultura Brasileira*, do Prof. Mauricio Rocha e o de *Políticas Públicas*, das Profas. Gilcilene Barão e Alzira Batalha, com seu programa; o *Quinta Dimensão*, inventado pelo Prof. Henrique Sobreira, entrevistando pesquisadores científicos de todas as áreas, da UERJ e de outras universidades (ainda no ar); o *Díaspóra*, da nossa pedagoga Zene

¹⁰ FASE – Federação dos Órgãos de Assistência Social e Educacional - Organização não-governamental voltada para a promoção dos direitos humanos, da gestão democrática e da economia solidária.

¹¹ <http://prevcvsl.blogspot.com/> (acesso em 5/7/2011)



Santarosa e sua equipe militante do Movimento Negro (ainda no ar); mas também o *Paisagens Sonoras* do Alexandre Fenerich, mestrando em Música na UFRJ, tocando música eletroacústica, paisagens sonoras e outros eruditos contemporâneos¹²; e os programas dos alunos, variando, alguns por um ou dois semestres, outros por vários anos, como o *Zona Fantasma*, do Sandro e do Wally, que tocavam o rock de garagem de todo o Brasil¹³.

Hoje temos, entre outros, o *Matemática Musical*, do Felipe Viana, estudante de Matemática; o *Bora Caxias*¹⁴, do Henrique Silveira, que já está no Mestrado, e continua – divulgando as produções e produtores culturais de Caxias - ; o *Vulva Fúcsia*¹⁵ (todas as cores da feminilidade) da Nyh! Marinho, cujo programa de 8 de julho, “Mistérios da Língua: Sexo Oral”, foi censurado em sua página no Facebook; o *Planeta Macarrão*, do Murilo, Anoberto e Jonathan, dois produtores musicais e um engenheiro nuclear; o *Conexão África*¹⁶, da Stephanie Malherbe, advogada francesa morando no Brasil, que mostra toda a música africana atual (e faz, como voluntária, um grupo de estudos com aluno(a)s da FEBF sobre músicas e culturas africanas) e o *Grupo de Estudos Deleuze*¹⁷, um grupo de estudos de Filosofia (da filosofia de Deleuze e Guattari) que faço eu com os alunos do Mestrado.

Mas demos um salto. Toda esta variedade e espírito libertário da rádio nasceu da transversalidade que marca seu movimento desde o início: da possibilidade de encontros e trocas descodificando limites e fronteiras sociais, quebrando as hierarquias que organizam instituições como uma escola, uma faculdade. Nas assembléias de programação não há hierarquia: professores, alunos, funcionários da FEBF, e os

¹² V. www.myspace.com/alexandresperandofenerich (acesso em 7/7/2011)

¹³ Ainda tem um pra lembrar, com entrada pelo Orkut, vejam <http://www.orkut.com/CommMsgs?tid=2496236263746077493&cmm=217365&hl=pt-BR> (acesso em 7/7/2011)

¹⁴ <http://boracaxias.blogspot.com/> (acesso em 7/7/2011)

¹⁵ <http://vulvafucsia.blogspot.com/> (acesso em 8/7/2011)

¹⁶ <http://conexaoafrica.wordpress.com/> (acesso em 8/7/2011)

¹⁷ <http://grupodeestudosdeleuze.wordpress.com/> (acesso em 8/7/2011)



participantes da comunidade, tem os mesmos direitos de voz, de propor seus projetos de programas e discutir os projetos apresentados pelos demais.

O modelo deste tipo de (des)organização remete imediatamente ao que Felix Guattari e Jean Oury criaram no projeto da clínica psiquiátrica comunitária de La Borde, a primeira experiência de “hospital comunitário”(fundada em 1955). Psiquiatras, enfermeiros, funcionários, administrativos e pacientes organizavam juntos, em assembleias, as atividades, os serviços, a vida da clínica, incluindo além dos espaços terapêuticos, as atividades administrativas, a cozinha, as hortas (a clínica fica numa fazenda) - todos atuando em todos os campos - e grupos de atividades variadas, grupos de criação artística em música, teatro, artes plásticas, grupos de estudos, esportes...¹⁸ Havia grupos de estudos para qualquer assunto onde surgisse uma demanda e um número de interessados. Chegou a haver um grupo de estudos de “Brasil”, num período em que vários médicos estagiários brasileiros estavam lá e muitos ficaram interessados em saber mais sobre este “lugar”.

O “modelo” também remete à experiência educacional da Escolinha de Arte do Brasil – primeira instituição a formar professores de arte para crianças nas escolas no Brasil – fundada por artistas e educadores e articulada pelo artista pernambucano Augusto Rodrigues e a educadora Noêmia Varela. O CIAE – Curso Intensivo de Arte na Educação – responsável por esta formação, aceitava como alunos professores titulados e leigos, artistas, artesãos e estudantes de arte; psicólogos e professores de pedagogia juntamente com alunos dos cursos de Psicologia e de Faculdades de Educação. Da mesma forma no seu corpo docente, Augusto incluía o professor titulado, mas também artistas, artesãos, críticos de arte, jornalistas, técnicos de futebol, poetas, cientistas – foram professores frequentes do CIAE, a psicanalista Nise da Silveira, o médico e indigenista Noel Nuttels, o técnico de

¹⁸ V. Práticas Analíticas e Práticas Sociais, in Guattari, Felix. *Caosmose. Um novo paradigma estético*. Editora 34, Rio de Janeiro, 1992. E tb. <http://www.cliniquedelaborde.com/> (acesso em 7/7/2011)



futebol João Saldanha, o artesão Mestre Vitalino, o antropólogo e educador Darcy Ribeiro, o poeta Ferreira Gullar...¹⁹

Como coloca Noêmia Varela:

A diversidade de formação do **staff** de professores e a heterogeneidade do grupo de professores-alunos, aparentemente paradoxais, tem constituído fonte de renovação e transformação desse curso.²⁰

Continuando, como propus na dissertação citada:

Lidar com paradoxos sempre foi próprio das artes: o lugar da criação como zona de indiscernibilidade; fazer surgir as nuances, as tonalidades, os devires, a partir do que antes só se percebe bruta e como oposição; romper as oposições prontas na lógica, como na sociedade ou nos afetos; ou, de modo aparentemente inverso, fazer surgir diferenças onde antes há o indiferenciado.

Augusto Rodrigues é um "teórico da arte" muito especial ao fazer a leitura das diferentes tonalidades dos discursos e dos fazeres de artistas, cientistas, jornalistas, poetas ou técnicos de futebol e propor juntá-los a educadores e psicólogos, no CIAE, não em função de convergências prévias, mas dos paradoxos que eles compõem; dos jogos, da invenção, dos possíveis, que sua justaposição provocará na experiência (criadora) dos alunos.²¹

Foi com estas inspirações que percebi a potência pedagógica da experiência que estávamos realizando, e resolvi, em 2002, propor a inclusão do rádio na grade curricular da FEBF como disciplina ou disciplinas eletivas.

Foram, desde o início, duas disciplinas: Educação e Comunicação: Rádio I, e Educação e Comunicação: Rádio II. Para incorporação à grade disciplinar, precisava criar suas ementas, programas e bibliografias. Assim, formulei como ementa da Educação e Comunicação: Rádio I:

O caráter próprio do rádio – a experiência auditiva – as variedades da experiência da escuta. Narrativa musical e narrativa sonora. Música e socialidade – o conceito de ritornelo. O ritornelo e a construção do socius. As diversas explorações dos territórios

¹⁹ In Capt III, Costa, Mauro S. R., *O Artista na Sala de Aulas*. Tese de Doutorado em Educação aprovada pela Faculdade de Educação / UFRJ, março 1994.

²⁰ Varela, Noêmia. "Imagem do professor: ontem/hoje; 'aventura' do futuro. Criatividade na Escola e a formação do professor" *Arte & Educação*, ano 1, nº 12, Rio de Janeiro, Escolinha de Arte do Brasil, jul/1972.

²¹ Idem, Capt III, Costa, Mauro S. R., *O Artista na Sala de Aulas*.



constituídos pelo uso experimental e criador do rádio desde o início do século XX. Rádio, Política e Educação. A experiência européia (Itália e França) nos anos 70. A experiência brasileira atual. Práticas de estúdio para o desenvolvimento de produção radiofônica básica.

E para Educação e Comunicação: Rádio II:

As paisagens sonoras como recursos de linguagem. Produção de programas de rádio experimentais, explorando novas narrativas sonoras. O campo teórico da exploração experimental do rádio – rádio-arte e rádio experimental. Experiência de utilização das novas linguagens em programação para as rádios comunitárias.

É claro, as ementas não passam de roteiros hipotéticos. Dependendo da composição das turmas que se formam a cada semestre – algumas incluem alunos que já participam da programação da rádio, misturados com outros em que a disciplina é o primeiro contato – vou fazendo e refazendo os modos de trabalhar e os conteúdos dos cursos. Ainda sinto, frequentemente, um receio dos pedagogos em formação, em mergulhar nestas outras searas teóricas e práticas que divergem das receitas conhecidas da “formação docente”. Muitos se inscrevem na disciplina porque há um número de créditos exigido no currículo para disciplinas eletivas, e, por acaso, esta disciplina era adequada na composição de sua carga horária.

Mas isto vem mudando, na medida em que fomos – um grupo entre os professores – valorizando e enfatizando a necessidade da inclusão das tecnologias de comunicação na formação contemporânea dos docentes. Novas disciplinas foram surgindo – paralelamente à incorporação na Faculdade de outros professores com formação em Comunicação e equipamentos para o uso destas outras linguagens – como a criação de um estúdio de televisão e a incorporação de uma IPTV (televisão transmitida ao vivo pela internet), e de um bem montado Laboratório de Informática.²²

Os efeitos disto, inovadores para a formação em Educação em nosso país, vem sendo o aparecimento de uma parcela dos estudantes que mergulham apaixonadamente

²² Entre as novas disciplinas introduzidas: MULTIMÍDIA E EDUCAÇÃO I e II; CULTURA DA INTERFACE I e II; TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E O ENSINO; TECNOLOGIAS INFORMÁTICAS E EDUCAÇÃO; CIBERCULTURA E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES I e II.



na incorporação das linguagens e tecnologias de comunicação. Isto fica aparente na utilização crescente da convergência de mídia, como podemos ver nos vários programas de rádio citados que criam seus próprios blogs; alguns, inclusive, incorporando vídeos – como linguagem complementar – ao material em texto e áudio.

A utilização do vídeo e criação da IPTV surgiu de um interesse do Prof. Henrique Sobreira de transmitir também em vídeo os programas do *Quinta Dimensão*, gravados no auditório e não no estúdio da Rádio, com a presença e participação de alunos. A partir daí o projeto de televisão cresceu, com um auxílio financeiro da CAPES, e a entrada da Profa. Alita Sá Rego, doutora em cinema e televisão, que definiu a compra dos equipamentos necessários e começou uma formação específica em produção televisiva para os alunos de graduação. *Quinta Dimensão* também tem seu blog para a transmissão dos programas em vídeo²³.

A convergência de mídia se completa com o Canal Interativo Kaxinawá – web rádio e vídeo -, na verdade uma rede de relacionamento da FEBF, criada por um ainda estudante do nosso mestrado – Carlos Alexandre Moraes – www.febfuerj.ning.com -. Ning é uma plataforma gratuita para a criação de redes sociais. Febfuerj.ning, servindo igualmente para a hospedagem de canais para transmitir a Rádio Kaxinawá – webrádio - e a IPTV Kaxinawá, foi uma saída *hacker* para dar a volta na recusa do Departamento de Informática da Universidade em transmitir a rádio, com a justificativa de que prejudicaria a rede de transmissão da Faculdade, ocupando muito espaço em nossa não tão larga banda larga (de 10 Mb). Assim, tanto a rádio como a rede social, são administrativamente independentes da Universidade.

Estas ações, na verdade, todo o movimento em torno do uso de mídia e das TIC's na Faculdade, envolvendo afetiva e cooperativamente alunos, funcionários e professores (além da articulação originária com a comunidade do bairro), caracteriza uma nova forma de constituição do trabalho e da produção que vem sendo discutida

²³ V. <http://kaxinawa.wordpress.com/a>



desde o final dos anos 90, por teóricos políticos italianos e franceses como Franco Berardi, Antonio Negri, Maurizio Lazzarato e outros. Criou-se para ela um conceito, o de *trabalho imaterial*:

(...) o ciclo do trabalho imaterial é pré-constituído por uma força de trabalho *social e autônoma*, capaz de organizar o próprio trabalho e as próprias relações com a empresa. Nenhuma organização científica do trabalho pode predeterminar esta capacidade e a capacidade produtiva social.²⁴

Franco Berardi criou o conceito de *cognitariado* para falar desta nova forma do trabalho e dos seus trabalhadores, uma espécie de “classe de vanguarda” como no *proletariado* do pensamento marxiano, que estaria sendo gestada para as formas renovadas de transformação social em direções e cuja teoria estariam igualmente em estado germinal.

Diz Berardi em *1968 e a Gênese do Cognitariado*:

O movimento de 1968 representa o efeito da escolarização de massas e a primeira manifestação política da emergência do cognitariado, classe do trabalho cognitivo, composição social que se tornou predominante no final do século, com a difusão da rede.

Rádios piratas, cibercultura, net-art, são as manifestações sucessivas do trabalho cognitivo em busca da sua própria autonomia. Só reencontrando o fio (atualmente submerso) da revolta de sessenta e oito poderá o trabalho cognitivo empreender um processo de recomposição e autonomia.²⁵

Podemos tratar estas considerações finais como uma espécie de ressonância política lateral deste processo que viemos descrevendo, da introdução do rádio, da televisão e das tecnologias de informação e comunicação - que aglutinam todas as mídias -, no ambiente educacional da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

²⁴ Mauricio Lazzarato e Antonio Negri. *Trabalho Imaterial. Formas de vida e produção de subjetividade*. DP&A, Rio de Janeiro, 2001, 26-27.

²⁵ In Colóquio Internacional MAIO' 68 POLÍTICA|TEORIA|HISTÓRIA, Instituto Franco-Português, Lisboa, 11 e 12 de abril de 2008. V. em <http://pt.mondediplo.com/spip.php?article175>



Livros:

ESCUITA! A Paisagem Sonora da Cidade. Texto R Murray Schafer, Janete El Haouli, Marisa Fonterrada, Tato Taborda, Chico Mello, Rodolfo Caesar, Cecilia Conde, Estela Neves, Elizabeth Sant'Anna e Natália L.F. Couto; Editoração, Texto e Pesquisa Musical : Regina Porto; Coordenação Geral: Carole Gubernikoff; Reedição e Versão Final do Texto: Mauro Sá Rego Costa. Prefeitura do Rio / Secretaria de Meio Ambiente, 2000.

Guattari, Felix. *Caosmose. Um novo paradigma estético.* Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudio Leão. Editora 34, Rio de Janeiro, 1992.

Mauricio Lazzarato e Antonio Negri. *Trabalho Imaterial. Formas de vida e produção de subjetividade.* Introdução de Giuseppe Cocco. Tradução de Mônica de Jesus. DP&A, Rio de Janeiro, 2001.

Artigos em periódicos:

COSTA, Mauro S R. "Entrevistas com Compositores". "Paisagens Sonoras. Murray Schafer fala do projeto e do rádio como arte, educação e política". *Pesquisa e Música*, vol.4, n.1, 1998, Conservatório Brasileiro de Música, Rio de Janeiro.

VARELA, Noemia. "Imagem do professor: ontem/hoje; `aventura' do futuro. Criatividade na Escola e a formação do professor" *Arte & Educação*, ano 1, nº 12, Rio de Janeiro, Escolinha de Arte do Brasil, jul/1972.

Tese de doutoramento:

Costa , Mauro J. S. R., *O Artista na Sala de Aulas. Outras perspectivas para a Educação Artística.* Tese de Doutorado em Educação / Faculdade de Educação / UFRJ, março 1994.

Sites e blogs acessados na internet:

<http://www.bicuda.org.br/index.php> (acessado em 5/7/2011)

<http://prevcvsl.blogspot.com/> (acesso em 5/7/2011)

www.myspace.com/alexandresperandofenerich (acesso em 7/7/2011)

<http://www.orkut.com/CommMsgs?tid=2496236263746077493&cmm=217365&hl=pt-BR> (acesso em 7/7/2011)

<http://boracaxias.blogspot.com/> (acesso em 7/7/2011)



<http://vulvafucsia.blogspot.com/> (acesso em 8/7/2011)

<http://conexaoafrica.wordpress.com/> (acesso em 8/7/2011)

<http://grupodeestudosdeleuze.wordpress.com/> (acesso em 8/7/2011)

<http://www.cliniquedelaborde.com/> (acesso em 7/7/2011)

<http://kaxinawa.wordpress.com/> (acesso em 10/7/2011)

<http://pt.mondediplo.com/spip.php?article175> (acesso em 10/07/2011)

Recebido: 23/09/2011

Aceito: 08/10/2011

